CLARK CARRADOS

Forasteiro

Seu destino era o colt

cedibra

SÉRIE: FORASTEIRO

VOLUME: 74

TÍTULO: SEU DESTINO ERA O COLT

TÍTULO ORIGINAL: SU DESTINO ERA EL “COLT”

AUTOR: CLARK CARRADOS

TRADUTOR: YVONETE G. FEITOSA

CAPA:

EDITORA: CEDIBRA

ANO PUBLICAÇÃO:

CLARK CARRADOS

SEU DESTINO ERA O COLT

BOLSILIVROS

—4—

Título Original:
SU DESTINO ERA EL "COLT"

Copyright © Clark Carrados
Direitos exclusivos para o Brasil:
Cedibra Editora Brasileira Ltda.
Rua Particular, 300 – Campinas – SP
Via Anhanguera, Km 102 – Aparecidinha
CEP. 13,100

Diretor Presidente: Jan Dias
Gerente de Circulação: Dauton Luiz da Silva
Editor: Laura Barreto
Produção: Walter Mansoletti Junior
Fernando Alves da Silva

Distribuídor: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

O texto deste livro não pode, no todo ou em parte, nem registrado nem reproduzido por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do Copyright.

CAPÍTULO 1

Havia manchas de suor na roupa rasgada, nas axilas e nas costas. A barba de Milt Ewell era de duas semanas, pelo menos, e seu aspecto era de cansaço, quando entrou no escritório do diretor da penitenciária.

Ewell estava intrigado, pois não era comum que o diretor chamasse um prisioneiro, principalmente ele, já considerado sem perdão.

Em frente à mesa, estava uma mulher, enquanto o diretor se encontrava de pé.

— Ewell, vou deixá-lo com a senhorita. Ela precisa dizer algo importante e eu só tenho que saber o resultado da entrevista.

O diretor se foi e a moça se ergueu, encarando Ewell.

— Sente-se, Sr. Ewell — disse, friamente. — Vim lhe fazer uma proposta. Conforme sua resposta você pode ganhar a sua liberdade... ou continuar a cumprir sua sentença de prisão perpétua.

Ewell sentiu o golpe... prisão perpétua quando ainda nem fizera trinta anos... Poder sair imediatamente lhe parecia um sonho.

— O que tenho que fazer?

— Você era o chefe dos homens que custodiavam um transporte de lingotes de ouro, avaliado em meio milhão de dólares. Eram sete homens no total. Seis morreram, você é o único sobrevivente.

— Acusado e condenado injustamente — afirmou Ewell.

— Não vou discutir a justiça ou injustiça da sentença. Suspeitou-se de você e muitos acham que você sabe onde está o ouro, escondido, naturalmente.

— Não faço a menor idéia — replicou o prisioneiro, rindo, amargo. — Se soubesse, teria subornado metade dos vigilantes para que me deixassem fugir. Para mim, bastaria a liberdade.

— Acredito que não saiba onde está o ouro, mas pode me ajudar a encontrá-lo — a mulher pegou um cigarro e ofereceu-o ao preso. — Imagino que não fume muito aqui.

— Já havia esquecido. Por favor, continue.

— Estou com tudo preparado para sair imediatamente, se você aceitar. Naturalmente, os gastos serão por minha conta. Tão logo saia daqui, poderá tomar banho e comprar roupas novas. Cuidarei das armas, cavalos e provisões.

Ewell encarou a mulher, estupefato. Há quinze minutos, estava afundado no maior desespero diante da perspectiva de passar o resto da vida quebrando pedras. Faria qualquer coisa para escapar daquele inferno.

Olhou a moça. No máximo, teria 25 anos. Era bonita e a elegância do severo vestido azul, com gola de veludo preto, realçava também a perfeição de suas formas. O rosto era delicado. Os olhos se destacavam, claros.

— Quem é você? — quis saber, afinal.

— Evalee Roxmire.

— Filha... de...

— Sim, meu pai, vendo-se arruinado, estourou os miolos.

— Foi o que influiu muito na minha sentença — admitiu Ewell.

— E o fato de ser o único sobrevivente, além de cúmplice no assalto.

— Não é verdade.

— Um dos vigilantes apareceu com uma faca cravada no peito e a faca era sua. No rifle do morto ainda havia oito cartuchos.

— Repito que...

Impassível, Evalee tirou o papel da bolsa e agitou-o no ar.

— Seu indulto, condicionado, naturalmente. Basta colaborar.

— O que a fez pensar que não fugirei tão logo seja posto em liberdade?

— O indulto só se tornará efetivo quando encontrarmos o ouro.

— Tem tudo previsto?

— Tive dois anos para pensar no que fazer. O governador era amigo de meu pai e concordou com meu pedido. Ele também não está convencido de sua culpa.

— Uma notícia reconfortante, mas teremos que cavalgar muito, acampar ao ar livre...

— Posso aguentar — garantiu Evalee, batendo na campainha sobre a mesa. A porta se abriu e o diretor entrou.

A jovem pediu que se preparasse toda a documentação para que Ewell fosse libertado imediatamente.

* * *

— Primeiro, iremos ao lugar onde ocorreu o assalto. Vamos explorá-lo em círculos cada vez maiores até encontrarmos alguma pista — decidiu Evalee na manhã seguinte.

— Dois anos apagam qualquer pegada.

— 8 —

— Não tem importância. Quero começar dali — insistiu ela.

Ewell sacudiu os ombros. Sentia-se outro homem com roupas, rosto barbeado, dois revólveres, um rifle e um cavalo, além de toda equipagem necessária.

— Sr. Ewell, elogiou meu pai porque conhecia sua fama e honestidade — falou Evalee... — Tinha a certeza de que a remessa chegaria a seu destino, mas aconteceu o-assalto. Como foi?

— Não sei precisar. Ouvi tiros, senti um golpe no ombro esquerdo, quando cai, bati numa pedra e fiquei inconsciente. Quando acordei, tudo terminara.

— E seis homens estavam mortos à sua volta.

— Cinco. Paramos para descansar. Lembre-se que a carroça era muito pesada, não só pela carga, mas pelas pranchas blindadas, colocadas atrás da madeira para nos defender em caso de ataque. Era puxada por seis cavalos.

— Continue, por favor.

— Sentia muito calor e avisei que ia tomar banho no rio próximo, depois de cuidar dos cavalos. Quando ia sair, outro vigilante, um tal Daniel McGillings, disse que ia tomar banho também. Ele entrou no rio enquanto eu acabava de me vestir. Voltei ao acampamento e ouvi o primeiro tiro.

— Então, McGillings está vivo!

— Não, morreu afogado. Encontraram suas roupas na margem, quando investigaram. Imagina-se que, ao ouvir os tiros, tentou fugir e se afogou. Acharam apenas cinco cadáveres.

— Foi capaz de deixar a carroça só com os outros?

— Eram todos de confiança, segundo seu pai. Pedi para escolher os homens, mas seu pai disse que já os destacara,

de acordo com seu sócio, Hal Webster. Os dois me garantiram que poderia confiar plenamente nos seis.

— Então, só encontraram cinco corpos.

— E eu, que fui recolhido no dia seguinte. Depois de medicado, acabei numa cela. Sabe todos os pormenores, senhorita. Não tive tempo de dar um tiro.

— Por que não colocou uma sentinela enquanto descansavam?

— Colocamos uma numa colina próxima, a cem passos. Foi o primeiro homem a cair, apunhalado.

— Um plano bem traçado... — murmurou ela. — Mas o ouro não apareceu nestes dois anos. Ainda está em alguma parte.

— Em dois anos milhares de toneladas de ouro podem ser fundidas.

— É possível, mas ninguém ouviu falar em pagamentos importantes em ouro, fundido ou não. Continua oculto. Imagino que tenham fundido apenas alguns lingotes.

— Srta. Roxmire, não quero lhe dar esperanças. Naturalmente, farei o impossível para encontrar os culpados, mas, conforme foi dito no julgamento, havia uma dúzia de homens naquele assalto e eles sabiam o que a carroça estava levando e ninguém poderia pagá-los com um punhado de dólares.

Evalee concordou, esperando:

— O que idealizou o plano, não tinha dinheiro suficiente para pagar os cúmplices e precisou lhes prometer a parte do roubo, que não seria pequena. Pode imaginar o destino do ouro.

— Então, pensa que não vamos encontrá-lo?

— Não em seu todo, mas deve ter ficado algo para o culpado. Ou ouro ou dinheiro e ainda outros bens que

poderá reclamar, uma vez provado que foi ele o autor do assalto.

— O ouro me importa menos que o culpado. Ele foi o causador da morte de meu pai.

Ewell ficou calado, apesar de achar que Paul Roxmire escolhera o caminho mais fácil em vez de enfrentar a situação.

— Mesmo não encontrando o ouro, se acharmos o culpado, você estará indultado — afirmou ela.

Ewell pensou que, senão fosse encontrado o ladrão, ele continuaria preso. Mas era melhor estar livre para poder procurar.

Ao meio-dia, Ewell sugeriu um descanso e Evalee concordou.

Ewell atendeu os cavalos e a moça caminhou, desatenta, até comentar:

— Estou vendo algo brilhar naqueles arbustos!

Ewell virou a cabeça e se jogou sobre ela, empurrando-a para o chão com violência. Evalee gritou no instante em que soou um tiro.

— 11 —

CAPÍTULO 2

Ewell girou sobre si mesmo várias vezes e os cavalos relincharam. Evalee, deitada na vegetação, não se atreveu a fazer qualquer movimento.

Soou um segundo tiro. Ewell já estava junto do seu cavalo.

O atacante fez fogo novamente. Um dos animais, alcançado na cabeça, caiu fulminado e os outros relincharam.

Ewell disparou contra os arbustos de onde viu um súbito movimento. Depois, o jovem correu para sua esquerda e alcançou um tronco de árvore.

O atirador ainda fez fogo mais uma vez.

Ewell localizou-o perfeitamente e fez pontaria. Apertou o gatilho e viu um homem ficar de pé, agitando-se. A segunda bala de Ewell o fez saltar para trás e os tiros cessaram.

Ewell olhou para a moça que continuava no chão.

— Está bem?

— Sim.

— Continue aí. Vou ver o que está acontecendo.

De rifles em punho, Ewell dirigiu-se à vegetação, dando uma volta. Viu o corpo de um homem com o peito coberto de sangue.

O Cavalo do atacante estava por perto e Ewell decidiu que iria substituir o que morrera. Ajoelhou-se junto do morto e revistou-o.

Minutos depois, voltou ao acampamento, levando o cavalo do atacante pelas rédeas.

Evalee, assombrada, viu Ewell lhe colocar quinhentos dólares nas mãos.

— O que significa isso?

— É o preço de nossas vidas.

— Acha que ele foi pago para nos matar?

— Afirmo. Se tivesse atirado para nos roubar, não teria tanto dinheiro nos bolsos.

— Mas quem desejaria nos ver mortos? Por quê?

— Não sei. Não a conheço e nem você me disse quem são seus amigos... Quanto ao motivo, é fácil: alguém não quer que descubramos quem realizou o roubo do ouro. E isso mostra que nossa tarefa será bem difícil.

* * *

Três dias depois, chegaram a uma pequena cidade. Evalee sugeriu a conveniência de passar a noite ali e Ewell concordou.

Havia um hotel de aspecto pouco atraente que fez Evalee hesitar. Finalmente, decidiu pedir dois quartos.

Ewell se propôs a levar os cavalos para o estábulo e pediu algum dinheiro para que o encarregado cuidasse das ferraduras e as trocasse, se fosse preciso.

Evalee abriu a bolsa e tirou cem dólares. Ewell saiu para a rua e levou os animais.

Evalee subiu para o quarto a fim de tomar banho e mudar de roupa.

Por causa da viagem, levavam também um cavalo de carga e Ewell falou com o homem que cuidasse do estábulo, dando-lhe cinco dólares de gorjeta.

Depois de obter a promessa de que o empregado cuidaria pessoalmente dos cavalos, Ewell iniciou a volta ao hotel.

No caminho, viu um armazém e entrou para renovar suas provisões de tabaco. Pediu café, farinha, toucinho e mais algumas coisas que pegaria no dia seguinte, bem cedo.

Retornou o caminho. Quando chegava às imediações do hotel, pela calçada oposta, deu um encontrão num homem que deixava a cantina.

O homem se desculpou, resmungando. Era evidente que bebera além da conta. Olhou para o homem e surpreendeu-se.

— McGillings! Dan McGillings! Não me conhece? Sou eu, Milt Ewell! Olhe-me, homem!

O homem o encarou e estremeceu, enquanto empalidecia.

— Dan, você não se afogou...

McGillings empurrou-o violentamente e começou a correr.

Ewell recuperou-se, saindo em perseguição ao outro, sem entender por que fugia. Gritou o nome do companheiro e Dan, apesar da bebida, não se deixou alcançar. Montou e saiu a galope.

Ewell parou, desalentado, percebendo que não conseguiria falar com o antigo companheiro.

A noite caía rápida e McGillings perdeu-se na penumbra fora da cidade.

Um homem deteve Ewell quando voltava ao hotel.

— Por que tanto escândalo?

Ewell esfriou, vendo que o homem à sua frente usava uma estrela no peito.

— Desculpe, comissário. Encontrei um antigo conhecido, mas não consegui lhe falar.

— Bill Martin é seu amigo?

— Não é Martin. Seu nome verdadeiro é Daniel McGillings. Pensei que estivesse morto, afogado no rio.

— E quem é você?

— Milt Ewell.

— Ewell, o homem do Poplar's Bend!?

— Houve mais homens ali — replicou o rapaz.

— Eu sei, mas o único sobrevivente foi você. E o condenaram a prisão perpétua. O que faz em liberdade?

— Ele está indultado, comissário — avisou Evalee, fazendo com que os dois se virassem — Sou Evalee Roxmire — apresentou-se. — Consegui o indulto do Sr. Ewell para que me ajude a recuperar o ouro roubado.

— Sou Carter. Tem provas do que afirma, senhorita?

Evalee abriu a bolsa e tirou alguns documentos.

— Leia, por favor, Sr. Carter. — Encarou Ewell. — Tem certeza de que era McGillings?

— Sim... pelo visto, conseguiu sobreviver.

— E não lembrou de aparecer no julgamento para testemunhar a seu favor.

— Parece que aqui ele é conhecido como Bill Martin.

— Está tudo em ordem, senhorita — disse Carter, devolvendo os papéis. — Mas temo que seu acompanhante se enganou. Aquele é Bill Martin. Chegou há uns seis meses e trabalha para o rancho Roda Quebrada. Até agora, não tive a menor queixa dele.

— Sem dúvida, disse-lhe que se chama Bill Martin. Mas nunca o viu antes.

— Não — admitiu Carter. — De qualquer modo, suponhamos que se chama McGillings. Por que se esconderia se nada fez de mau?

— Em Poplar's Bend, suas roupas apareceram junto à margem do rio. Por que não apareceu depois, para provar estar vivo?

— Talvez temesse represálias dos assaltantes.

— Penso de outra maneira, principalmente depois que fugiu de mim, comissário — garantiu Ewell. — McGillings estava de acordo com os assaltantes e algum deles lhe deu roupas para vestir longe do assalto. Naturalmente, depois que recebeu sua parte no assalto e a gastou, veio se esconder aqui.

Carter acariciou o queixo.

— Conheço o dono, do Roda Quebrada. É meu amigo. O rancho não fica longe. Irei agora mesmo lhe falar.

— Iremos os dois — decidiu Milt.

— Os três — cortou Evalee. — Por favor, Milt, alugue dois cavalos.

* * *

Meia hora depois, avistaram as luzes de um rancho e o dono, Jonathan Baker, recebeu-os à porta da casa.

Carter lhe contou o que estava acontecendo.

— Impossível! Em seis meses ele nunca mencionou o nome de Poplar's Bend e aqui ainda se fala do que aconteceu.

— O que confirma minhas suspeitas. Onde posso encontrar McGillings agora, Sr. Baker? — indagou Ewell.

— No alojamento dos vaqueiros. Vamos falar com ele.

Os três homens e Evalee seguiram para lá. Baker abriu a porta do alojamento e perguntou:

— Onde está Bill Martin?

— Chegou há pouco, recolheu suas coisas e foi embora.

— Eu o vi no estábulo, mas não o vi sair — afirmou outro vaqueiro.

— Deve ter fugido! Cada vez mais, Ewell se convencia da culpa do antigo subordinado.

— Se ele não saiu do estábulo... — falou Evalee.

Todos seguiram para lá. Baker abriu a porta e lançou uma exclamação de horror.

Ewell procurou ver melhor e percebeu que McGillings se enforcara numa corda a uma viga no teto. Ainda se podia perceber a marca das unhas em seu pescoço, sinal dos inúteis esforços que fizera para se livrar da pressão da corda.

— Ele se suicidou.

— Não. Alguém o matou — garantiu Ewell. — Vejam os sinais em seu pescoço. O assassino não pôde lhe amarrar as mãos e McGillings tentou afrouxar o laço, sem conseguir — virou-se para o rancheiro. — Sr. Baker, o assassino ainda está no rancho.

Evalee se apoiou na parede enquanto os vaqueiros, curiosos, se aproximavam.

— Será melhor que o retirem dali — disse Carter, tão impressionado quanto os outros.

— E quem pode ser o assassino? Confio em meus rapazes!

— Patrão, talvez tenha sido Barrow. Eu o vi saindo quando Martin chegava. Percebi que falavam em voz baixa. Depois, Bill veio para o estábulo e Barrow ficou conosco, mas saiu logo depois.

— Quem é Barrow? — quis saber Ewell.

— Contratei-o há menos de uma semana. Parece que ele e McGillings já se conheciam. Algumas vezes, vi-os

cochichar, como se não quisessem que mais ouvisse o que diziam.

Um cavaleiro chegou ao rancho naquele instante.

— O que houve com Barrow? — indagou. — Cruzei com ele há seis e corria como se fosse perseguido pelo demônio...

As feições de Ewell se contraíram. Já não tinha dúvidas sobre quem assassinara McGillings. E o assassino ganharia terreno naquela noite.

— É melhor voltarmos à cidade, senhorita — murmurou, desalentado.

— Não partam amanhã sem falar comigo — pediu Carter.

— 18 —

CAPÍTULO 3

— Imagino que já se tenha convencido de que há alguém querendo impedi-la de achar o ouro e o homem que planejou o assalto.

— Sim concordou Evalee, enquanto cavalgavam a passo.

— Há também algo mais. Essa pessoa sabia que você ia me procurar e por isso pagou um assassino profissional para acabar conosco. Pela mesma razão, fez alguém procurar McGillings e eliminá-lo.

— Não entendo. Quem pode ser, Milt.

— Não conheço suas amizades, mas, sem dúvidas, disse a alguém que ia me procurar. Neste caso, pense em que sabia dos seus propósitos.

— Falei a poucas pessoas. Minha mãe, minha governanta, a Sra. Shackleton, Webster, o antigo sócio do papai, e Hiram Mawrer, o chefe dos gerentes, que foi empregado de meu pai e depois ficou com Webster.

— Podemos descartar a Sra. Roxmire.

— A Sra. Shanckleton também. Quanto a Mawrer, é um velho, já a beira da aposentadoria. Ficou tão afetado quanto papai ao saber do assalto.

— E Webster?

— Não. Aquilo lhe custou cinco semanas de cama... correu perigo de vida... quanto mais penso, menos encontro uma pista.

— Alguém planejou o assalto. Talvez seja quem menos desperte suspeita... Continuaremos procurando rastros.

— Se pudéssemos falar com Barrow...

Não o conhecíamos e nem sabíamos que estava relacionado com o caso. Depois de matar McGillings não ia ficar nos esperando.

— Lamento por McGillings — suspirou Evalee.

— Não lamento nada. McGillings é tão culpado quanto seu chefe. Nunca lamento as desgraças que acontecem a um traidor, Srta. Roxmire.

Evalee pensou que Milt tinha_ razão. E decidiu que não lamentaria nada que acontecesse ao homem que planejara tudo aquilo, se um dia conseguisse descobri-lo.

* * *

Quatro dias depois, Ewell deteve seu cavalo e indicou:

— Foi aqui.

Evalee desmontou e olhou para o local agradável que fora última parada da carroça.

— Não encontraram rastros do veículo... — murmurou ela, enquanto Ewell montava o acampamento.

— Exploraremos o terreno durante uma semana ou talvez um pouco mais. Depois, iremos a Showell. Fica a pouco mais de um dia de caminhada. Não há nem granja nem rancho por perto. Quem os avisou do assalto e como apareceram para me buscar?

— Não pensei nisso.

— Verdade que, ao me encontrarem, já se tinham passado vinte e quatro horas, mas eu estava gravemente ferido não tinha cavalo. Mesmo assim, o xerife e sua patrulha já sabiam do assalto.

— Talvez alguém tenha passado por Poplar's Bend e ido a Showell para avisar.

— E não me socorreu? Neste caso, como o informante saberia que uma carroça com meio milhão em ouro fora roubada, se ela estava aqui?

. — Acho que houve muita pressa em condená-lo, Milt.

Quanto Evalee acordou na manhã seguinte, achou-se sozinha e passaram-se horas antes que Ewell aparecesse.

— Venha, vou lhe preparar a montaria — falou ele. — Quero que me acompanhe a um lugar interessante.

— Mas saiu sem me avisar!

— Você estava dormindo profundamente não quis incomodar. Desculpe-me. Além do mais, não está acostumada a longas cavalgadas.

— Da próxima vez, acorde-me, entendido? E não me faça crer que faltou com sua promessa.

— Pensou que a tivesse abandonado?

— Era o mais lógico, não?

— Tem razão, mas não foi assim. Lembre-se que só terei o indulto quando encontrar o ouro ou o ladrão.

Pouco depois, os dois partiam a galope e, a um quilômetro do acampamento, Ewell fez sua montaria descer por uma encosta íngreme e com bastante vegetação. Demonstrou e afastou a vegetação num determinado ponto.

— A carroça do ouro!

— Ei-la. As madeiras estão podres, a lona em frangalhos. Mas faltam o ouro e os cavalos.

— Isso significa que ocultaram a carroça aqui.

— Foi construída para a ocasião, maior e mais resistente que as normais. Poderia ser identificada em qualquer parte.

— Mas outra não conseguiria carregar o ouro.

— Engano seu. Esta tinha uma blindagem especial. Outra levaria o ouro... ou duas...

— Que adianta termos encontrado a carroça se já está vazia, Milt?

— Não. Showell fica a um dia de marcha. Poderemos conseguir informações interessantes... — Ewell parou, olhando pra cima... — se nos deixarem chegar lá. Corra e se esconda na carroça — comandou.

Evalee obedeceu, instintivamente, entendendo que ele tinha boas razões para fazer tal recomendação. Ewell tirou os dois rifles do arção e correu também para o veículo!

Ajoelhada no interior da carroça, Evalee viu quatro cavaleiros que desciam a ladeira a todo galope. Quatro cavaleiros e oito revólveres.

* * *

Os atacantes começaram a atirar e Evalee se encolheu.

O ruído das balas furando a madeira podre e batendo contra o ferro se tornava ensurdecedor.

Os quatro cavaleiros desfilaram com rapidez e se perderam numa curva a cem metros. Evalee percebeu que o jovem não fizera disparo algum.

Ewell passou pela moça e se agachou atrás do que fora a boléia, lugar igualmente protegido por uma sólida placa de ferro.

— Estão recarregando as armas — avisou.

Novo galope se ouviu e Ewell ergueu o rifle. Os atacantes se fizeram novamente visíveis, lançando-se a galope.

No entanto, calcularam mal daquela vez, pois a estreiteza daquele lugar os obrigava a cavalgar em fila. Milt apontou e disparou, derrubando o primeiro cavaleiro que abriu os braços e caiu de lado.

Ewell fez novo tiro e o segundo cavaleiro se dobrou sobre o pescoço de sua montaria.

O terceiro, reparando-se em desvantagem, tentou deter seu cavalo. Milt teve tempo de atirar com mais calma. Um chapéu voou pelos ares, junto com parte da cabeça do seu dono.

O último, percebendo que estava perdido, fez meia-volta e, agachado junto ao corpo do cavalo, escapou a galope.

Ewell então ouviu um grito agudo.

— Cuidado, Milt!

O rapaz se virou. Um dos cavaleiros desmontados conseguira ficar de pé e apontava com um revólver para a carroça.

Ewell mandou-lhe algumas balas.

Ouviu-se um gemido, o atacante abriu os braços e retrocedeu, girando sobre si mesmo e caindo de bruços.

Um silêncio profundo dominou o local. Ewell e Evalee se entreolharam. Mesmo pálida, ela tentou sorrir.

— Imagino que não tenha calculado as dificuldades que teria depois de conseguir meu indulto.

— Tem razão — concordou ela.

— Deve ter tirado o sono de certa pessoa — Ewell recarregou o rifle e desceu da carreta, examinando os caídos.

Dois estavam mortos e um ainda respirava.

— Está morrendo, homem — falou Ewell, ajoelhando-se junto dele. — É melhor contar quem o mandou.

— Barrow... encontrei-o na cantina... em Fort Hubner... A Rosa de Ouro... — a cabeça do homem pendeu.

Pouco depois, Milt voltava para junto da moça, colocando mil e quinhentos dólares na mão dela.

— Seu dinheiro... antes de ir parar nas mãos daqueles assassinos, pertenceu ao seu pai.

— Tem razão. Mas você também merece um pouco.

— Conformo-me com o pagamento dos gastos e o indulto — retrucou Ewell.

Milt tirou as selas dos cavalos dos atacantes e deixou-os livres. Depois, voltou para junto da moça com suas montarias, dizendo:

— Amanhã iremos a Showell. Depois de falarmos com o xerife, iremos a Fort Hubner. Foi onde Barrow contratou, pelo menos, um dos atacantes.

— Milt, o nome de Barrow me parece conhecido, mas não sei de onde...

— Não é um nome comum. Também conheço um ou dois homens com este nome, apesar de nenhum deles ser o assassino de McGillings. Você acabará lembrando — avisou o rapaz.

CAPÍTULO 4

Ernie Raymond, xerife de Showell, olhou para Ewell e Evalee.

— De todos que conheço, você é o último homem que esperava encontrar — confessou o representante da lei. — Seu indulto é algo assombroso, mas não sou ninguém para interferir na decisão do governador.

— Alegro-me por ver que reconhece isso. Afinal, não esqueço que foi você quem me prendeu.

— Só depois de comprovar que era cúmplice dos assassinos de Poplar's Bend. As provas eram irrefutáveis.

— Agrada-me sua forma de pensar, xerife. Agora, por favor, vamos ao que interessa. Foi você quem me prendeu, mas alguém lhe trouxe a notícia sobre o que acontecia em Poplar's Bend.

— Sim. Na verdade, nunca tinha visto aquele homem. Chegou numa carroça puxada por seis cavalos. Com ele ia outro, que parecia bem doente. Pelo menos, viajava na carroça, estendido ali. O homem disse que se chamava Johnny Morris. Pareciam imigrantes e muito pobres.

— Emigrantes? E não havia mulher com eles? — surpreendeu-se Evalee.

— Pensei nisso muitas vezes, mas talvez fossem se estabelecer em suas terras e depois trariam suas mulheres.

— Poderia descrever o homem?

— Parecia jovem... uns trinta e cinco anos, estatura mediana... quando me deu a notícia, fiquei transtornado. Ele falou em seis cadáveres...

— Sim, lembro-me bem. Pelo visto, quando o viram sem sentidos, pensaram que também estivesse morto. E depois encontrei sua faca no peito daquele homem...

— Alguém a usou naquele infeliz... — grunhiu Milt.

— Xerife, quando falaram nos mortos, mencionaram o roubo da carroça com o ouro? — quis saber Evalee.

— Não. Falaram na possibilidade de um assalto. Pensei que teriam roubado alguns mercadores. Não podia imaginar que havia meio milhão em ouro.

— Até que eu disse... e fui colocado na cadeia. — Murmurou, amargo, Ewell. Srta. Roxmire, lembra-se de alguém conhecido com a descrição feita pelo xerife do tal Morris?

— Não.

— Obrigado, Sr. Raymond — Ewell ficou de pé. — Ficaremos em Showell o dia todo. Amanhã, prosseguiremos a viagem.

— E para onde vão?

— Fort Hubner. Pretendo interrogar alguém ali. Talvez encontre alguma pista.

— Boa sorte!

Evalee agradeceu e se despediu, saindo à rua com Milt.

— Então? — indagou quando se dirigiam ao hotel.

— O ouro passou diante do nariz do xerife e ele não o viu. Estava na carroça dos imigrantes. O suposto doente evitou a possibilidade de uma revista. O xerife falou que era puxada por seis cavalos.

— Podemos levar anos inteiros e não conseguir nada..., mas não vou desistir nunca! A metade desse dinheiro me pertence! — garantiu Evalee, determinada.

— Só estou avisando que pode levar tempo. Se encontrássemos Barrow.

— Onde Morris...

— São a mesma pessoa, não há dúvida. Quanto ao doente, não sei o que pensar. E você?

— Talvez não — confirmou ela.

* * *

Os dois cavalos de sela e o de carga pastavam junto do acampamento enquanto Ewell fumava, estendido no chão.

A noite logo cairia.

Evalee chegou, secando o cabelo com uma toalha, depois de ter tomado banho no rio próximo. A blusa estava desabotoada e as mangas dobradas até acima do cotovelo.

Ewell apreciou a pele levemente bronzeada e a abertura da blusa, que permitia ver a profunda divisória dos seios, redondos e rígidos.

Evalee se deixou cair de joelhos a pouca distância, sentando-se sobre os calcanhares.

— Milt, quero lhe fazer uma pergunta pessoal. Nunca sentiu vontade de casar?

— Claro que sim.

— Mas estava solteiro quando o prenderam.

— Isso não quer dizer que a Idéia de casamento não passou pela minha cabeça. É que também não encontrei a mulher da minha vida.

— Você é um homem atraente — sorriu ela.

— Obrigado, mas não é a primeira que me diz isso — retribuiu o sorriso. — Agora, a sua vez. Também está solteira e já passou dos vinte num país em que, nesta idade, poucas são as mulheres sem marido. E é muito bonita.

— Tenho quase vinte e cinco anos e quase me casei. Mas o noivo queria mais o dinheiro que a mim mesma e quando meu pai ficou arruinado...

— Não creio que deva lamentar — falou Ewell. — O destino já está traçado. Claro que pode ser ajudado. Se o seu noivo a deixou, esqueça-o.

— Já o esqueci, mas você é fatalista e isso não é bom. Não se deve deixar o destino decidir por nós.

— Só até certo ponto, não colaborei para ir para a penitenciária. Mas pretendia fugir.

— Acho que está na hora de preparar o jantar — falou ela, erguendo-se e dando por finalizada a conversa.

* * *

O terreno era quase plano, com suaves ondulações.

Milt cavalgava uns duzentos metros na frente, com um binóculo que usava vez por outra, enquanto Evalee trazia o cavalo de carga pelas rédeas.

Depois do meio-dia, Ewell parou junto a um pequeno grupo de árvore, observado pela moça. Olhou novamente através do binóculo e se virou, fazendo sinais para que ela parasse.

Evalee obedeceu e viu o rapaz desmontar e subir numa árvore.

Minutos depois, Ewell descia e chamava-a através de sinais.

— Aconteceu algo?

— Vi fumaça há alguns minutos. Por isso subi no alto da árvore. O fogo foi apagado, mas eles estão lá e nos fecham a passagem.

— São muitos?

— Vi dois, mas pode haver mais. Não tema, continuaremos.

— Sem dúvida, querem nos emboscar.

— Mas serão eles os emboscados — sorriu Ewell. — Desmonte, por favor. Vai ficar aqui até que eu a chame. Não se mova ou grite. Não mostre sua presença, aconteça o que acontecer, entende? Vou enganar os que nos esperam. Se estão sob as ordens de Barrow, cometeram um grande erro. Ficaram impacientes e acenderam uma fogueira. Você fica aqui!

— Está bem..., mas tenha cuidado.

Ewell deu uma palmada no primeiro cavalo, que se pôs em marcha. Os outros dois o seguiram e Milt correu agachado, com o rifle na mão e desceu para a margem do rio que corria por perto.

Apreensiva, Evalee esperou o resultado de tudo aquilo.

CAPÍTULO 5

Era três os homens que esperavam na trilha. Um deles viu que os cavaleiros esperados se aproximavam do lugar e alertou os outros.

Red Spann comandou:

— Laird, vá para o outro lado e você, Curly, fique comigo. Darei a ordem de fogo.

Os cúmplices concordaram, buscando um lugar para se emboscar.

— Atirem para matar. Não podemos deixá-los vivos e ele atira como um demônio.

— Red, matar uma mulher... — Curly hesitou. — Cuido do homem. Não quero ter a morte dela na consciência.

— Está certo — Spann sacudiu os ombros e recarregou o rifle, movendo os braços para acertar o cabo da arma. Ajoelhou-se atrás de alguns arbustos e esperou os cavaleiros.

Spann estava numa boa posição e Laird também se encontrava oculto.

Três rifles se ergueram e Spann apontou para o cavaleiro que vinha em segundo lugar, apertando o gatilho enquanto dava a ordem de fogo.

Soaram vários tiros. Spann disparou meia dúzia de vezes. Os cavalos reclinaram, espantados e saíram a galope sem que os cavaleiros caíssem.

— Que diabos?... — Curly começou a entender.

— Fomos enganados!

— Larguem as armas! — ordenou uma voz às costas dos bandidos.

Spann virou-se, rugindo. Curly girou também e se ergueu o rifle. Uma bala alcançou-o no peito e o fez saltar para trás. Já caiu imóvel na trilha.

Spann disparou uma vez e errou o tiro no instante em que sentiu o braço atingido. O rifle caiu de suas mãos e ele ergueu os braços.

Laird se levantou do outro lado da trilha, com o rifle no ombro. Ewell saltou para um lado e tornou a disparar.

Laird jogou a arma, tentou manter o equilíbrio e acabou caindo sobre a vegetação onde ficara oculto.

Spann continuava com as mãos para cima e Ewell se aproximou lentamente.

— Iam nos matar... — Ewell esgrimou o rifle e Spann rugiu, alcançando no rosto. Caiu desacordado e depois Milt se afastou, fazendo três disparos, o sinal combinado para que Evalee se aproximasse.

* * *

Ela chegou quase sem respiração e olhou para os três corpos.

Ewell voltava com os cavalos onde continuavam os bonecos que haviam enganado os bandidos.

— Mais mortes — gemeu ela.

— Não temos culpa. Um deles está vivo. Esperamos que desperte... — Milt começou a desfazer os bonecos e mostrou três furos no que representara a jovem — Ainda tem pena dos bandidos?

— Não.

— Um deles está apenas desmaiado. Quando acordar, vai nos dar a informação de que precisamos.

— Acha que falará? — hesitou Evalee.

— Não duvide.

— Se pretende torturá-lo, não conte comigo!

— Não podemos ter contemplações. Nossas vidas estão em jogo e eu penso no meu indulto. Por favor, compreenda.

Spann mexeu-se e Ewell pegou o cantil no arção de sua sela. Derramou a água na cara do homem e, instantes depois, o bandido conseguiu se sentar. Olhou em torno e levou a mão à face com um gesto de dor.

— Maldito! Quase me quebra a cara!

— Seus dois cúmplices gostariam de se sentir como você — retrucou Ewell. — Como se chama?

— Spann.

— Agora, falemos sério. Quero o nome da pessoa que os contratou para nos matar e o lugar onde encontrá-la.

Spann pediu para ficar de pé e Ewell concordou.

— Muito bem. Não tem um gole aí?

— Fale de uma vez!

— O que fará comigo depois? Tenho direito.

— Ouviu isso, Evalee? Esse assassino diz ter direito. A quê?

— Não somos como ele — intercedeu ela. — Não pagamos alguém para matar outro.

— Muito bem, vamos deixá-lo partir, mas a pé, sem cavalo e sem armas — avisou Milt.

— É um bom pedaço. Bem, o nome do homem é... — Deu um salto e segurou Evalee pela cintura antes que Ewell pudesse reagir. Apoiou então a ponta de um punhal na garganta da moça, ordenando: — Largue o rifle! Agora mesmo ou mato-a!

Milt conteve uma maldição, xingando a si mesmo por não ter adivinhado que o pistoleiro levava uma faca na parte posterior do cinturão. Mas era fácil para Spann, sabendo-se perdido, acabar por cumprir a promessa.

— Eu disse que o deixaria ir.

— Não tenho certeza de que o fará depois de lhe dar a informação que tanto querem. Vamos, obedeça ou acabo com ela.

Milt largou o rifle e Spann riu.

— Melhor assim. Agora, solte o cinturão com os revólveres — observou quando Ewell obedeceu. — Retroceda...

Novamente, Milt cumpriu a ordem e Spann, sem largar a moça, pegou o rifle.

Milt observou, sabendo que Spann não poderia conservar a mesma posição indefinidamente. Além do mais, Evalee mostrava-se serena, apesar de pálida.

Spann largou a moça, dando-lhe um empurrão e jogou-se sobre o rifle.

A faca ficou na vegetação e Evalee caiu de lado.

Ewell decidiu arriscar tudo e saltou para o cinturão. No entanto, percebeu que dera um impulso muito grande quando rolou pelo solo, deixando as armas para trás. Quando se revolveu, Spann, ajoelhado, erguia o rifle e sorria cruelmente.

Ewell esperou pela morte. No entanto, inesperadamente, o sorriso de Spann foi substituído por uma horrível careta de dor.

Milt girou sobre si mesmo quando o rifle disparou.

Atrás do bandido, Evalee, com a faca na mão, parecia prestes a ter um ataque de nervos.

Ewell tocou um dos revólveres. A faca apenas ferira Spann no ombro esquerdo, perto do pescoço.

Red tentou recarregar a arma, mas Milt foi mais rápido e seu colt vomitou chama, fogo e chumbo.

Red dobrou os joelhos um pouco mais e o rifle escapou-lhe das mãos. Inclinou-se para um lado e ficou de bruços com o rosto afundado na relva.

Milt respirou profundamente e ficou de pé, olhando para Evalee, ainda imóvel, segurando a faca de Spann, manchada com o sangue do próprio dono.

Ewell se aproximou e sacudiu-a suavemente.

— O perigo já passou. Vamos...

Evalee respirou fundo, suspirou e caiu desmaiada.

CAPÍTULO 6

Evalee abriu os olhos e olhou em torno. Sentiu-se coberta pela manta e ouviu o som dos canecos de metal.

Ewell surgiu pouco depois. Ajoelhou-se ao lado dela e estendeu um caneco fumegante.

— Foi apenas um desmaio. Não se preocupe — passou o braço pelos ombros dela, ajudando-a a se sentar. — Tome um pouco de café. Vai se sentir melhor.

— Não sabe como senti medo.

— Mas me salvou a vida. Obrigado.

— Não pude ficar quieta...

— Salvou-me. Spann era um bandido e ter-me-ia matado se houvesse oportunidade. E a você também.

— Onde estão os cadáveres?

— Na margem do rio.

— Mi It, será que esta perseguição não vai acabar nunca?

— A única forma de acabar com isso é parar. Abandone o caso!

— Se o fizesse, o que você faria?

— Não posso esquecer os cinco homens que morreram em Poplar's Bend e não posso esquecer que escapei da forca por sorte... apesar de achar que o juiz só me deu à prisão perpétua na esperança de que eu acabasse revelando onde estava o ouro. Mas estes dois anos de inferno nunca se apagarão de minha memória, garanto.

— Então, pretende prosseguir?

— Até o final. Se quiser, você pode voltar para casa. Só lhe peço que guarde o documento do indulto até que eu lhe diga que encontrei o autor do assalto.

— Também não vou abandonar este caso. Seria uma covardia e papai precisa ser vingado.

— Fico contente com sua decisão — sorriu, ficando de pé. — Quando se sentir melhor, vamos continuar até o entardecer. Encontrei mil dólares com Spann.

— Só não entendo como eles sabem que rota seguimos.

— Estamos atuando como eles esperam que façamos, quer dizer, percorrendo o caminho no sentido inverso, mas de forma lógica. Assim, eles colocam obstáculos à nossa frente.

— Não acha então que deveríamos mudar de procedimento?

— Depois de Fort Flubner, estudaremos a situação — concordou ele.

Ewell resolveu que descansariam alguns dias em Fort Flubner e Evalee concordou.

Fort Flubner era uma cidade de certa importância e o hotel era o melhor em que já tinham se hospedado desde o início da aventura. Ewell tomou um bom banho, fez a barba e, de roupas limpas, saiu.

Dirigiu-se à “A Rosa de Ouro”, descobrindo que se tratava de um luxuoso saloon. Aproximou-se do balcão e pediu um uísque.

— Gostaria de falar com o dono — disse, depois do primeiro trago.

O barman indicou o proprietário com um gesto e Ewell virou-se para um homem, vestido de negro e elegante, ele jogava sozinho com um baralho.

— Mas é... — Ewell estava passando e, sorrindo, aproximou-se da mesa.

— Me conhece, Spike Waladon?

— Olá, Milt Ewell. Parabéns.

— Quem lhe contou?

— A gente ouve muita coisa aqui. A notícia do indulto chegou bem depressa e alegra-me vê-lo na rua.

— Obrigado, Spike. E, já que ouve tanta coisa, talvez me dê alguns detalhes de certo indivíduo que procuro.

— Eu o aprecio e nos conhecemos há anos, Milt. Jogamos muitas vezes. Mas não significa que eu goste de comentar o que ouço e vejo no saloon.

— Pensei que fôssemos amigos — queixou— se Milt.

— Não o suficiente para o que me pede. Se tivesse fugido do presídio e vindo aqui, esteja certo de que não diria uma única palavra. Entende o que digo?

— Muito bem — concordou Ewell. — Só que nunca imaginei que você acabaria sentando a cabeça em algum lugar.

— Ganhei o saloon nas cartas. Fort Hubner me agradou e decidi ficar. Um dia, levantarei voo.

— Não antes desta noite. Gostaria de jogar um pouco.

— Começo às nove.

— Reserve-me um lugar em sua mesa — Ewell despediu-se e voltou ao hotel.

Bateu à porta do quarto de Evalee e ouviu um pequeno grito.

Alarmado, abriu a porta e viu a jovem, vestida apenas com as calças de montaria, agachada no chão. Ao vê-lo, ergue-se e cobriu os seios com os braços.

— Como se atreve a entrar sem minha permissão?

— Desculpe, ouvi seu grito e temi...

— Caiu-me um brinco e gritei. Por favor, vire-se!

Ewell ocultou um sorriso e, pouco depois, ouviu a voz dela.

— E daí? O que aconteceu de tão urgente?

— Preciso de dinheiro. Tudo quanto encontramos com os bandidos. Vou jogar.

— Ficou louco? E acha que vou concordar?...

— Senhorita, o homem que pode me dar informações se nega a fazê-lo. Não posso subornã-lo, pois ele não precisa de dinheiro, mas posso colocá-lo numa situação em que terá que dar com a língua nos dentes.

— Jogando?

— Ele é um jogador profissional e agora dono do "A Rosa de Ouro".

— Ficou mesmo louco! Como vai ganhar de um jogador profissional?

— Eu o conheço bem. Jogamos muitas vezes... Por que não me entrega o dinheiro? Acha que, se quisesse fugir, já não o teria roubado?

— E conseguirá?

— Se não tivesse certeza, não lhe pediria...

Evalee concordou e entregou o dinheiro a Ewell que sorriu:

— O homem que pagou os assassinos não poderia imaginar que seu dinheiro serviria para lhe encontrar a pista.

— Aposto tudo — anunciou Ewell, depois das dez e meia da noite.

Havia muitos curiosos em torno da mesa e, depois de muitas desistências, ficaram apenas Ewell e o dono do local.

As palavras do rapaz causaram sensação pois Ewell ganhara durante quase toda a noite e agora tinha quase dez mil dólares.

— Então, Spike, vai arriscar?

Waladon apertou os dentes. Tinha apenas duas duplas de ases e duas de cinco. Ewell dispunha de um trio.

Spike sabia que precisava apostar, mas já havia perdido cinco mil dólares e não gostava de ficar sem aquela soma.

— Muito bem. Mas, se perder, terá que se conformar com um cheque.

— Eu o conheço, Spike, aceito..., mas queria lhe falar em particular... — virou-se para os curiosos. — Desculpem-nos por um instante.

O jogador ergue-se também e os dois seguiram para um canto onde ninguém podia ouvi-los.

— Você está perdendo e tenho quase dez mil. Na manga direita, sei que esconde um ás. Já imaginou se eu revelo isto diante de todos?

— Você não o faria!

— Quando chegarmos à mesa, você dá as cartas e minha jogada será menor que a sua. Mas quero informações, depois disso. Lembre-se que posso acusá-lo de trapaceiro e lhe dar um tiro sob a mesa!

— Está certo, Milt. Trato feito. Cumprirei minha palavra.

Voltaram à mesa e o jogo foi reiniciado. Segundos depois, Waladon anunciou:

— Dupla de ases de cinco.

— Pensei que poderia vencê-lo! Ewell jogou as cartas sobre a mesa e virou-as.

— Eu vi logo que era um blefe.

Quinze minutos depois, Ewell já sabia tudo quanto queria e se despedia de Spike.

— Obrigado, Spike. E eu tinha quatro reis — sorriu o rapaz.

— E perdeu dez mil dólares? Por quê?

— Por meio bilhão... e minha liberdade, que não tem preço — replicou Ewell.

Voltou ao hotel satisfeito com as informações, pensando em falar com Evalee no dia seguinte.

Ia abrir a porta do seu quarto quando viu um rosto conhecido.

CAPÍTULO 7

A mulher avançava pelo corredor e buscava a chave na bolsa.

— Como vai, Flora Horton?

— Você!?

— Eu mesmo. Está muito bonita, Flora.

Ela sorriu. Era alta e loura. Não teria 35 anos e era muito atraente.

— Não nos vemos desde Alder Gulch. Foi há quatro anos.

— Quase cinco. Está hospedado aqui?

— Sim e você também, pelo que vejo.

— Sim, Flora. Em meu quarto tenho uma garrafa de conhaque. Por que não bebemos juntos?

— Por que não no meu quarto? É o onze...

Prometendo encontrá-lo logo, Milt foi buscar a garrafa.

Entrou no quarto de Flora quando ela já tirara o vestido e estava com as roupas íntimas.

— Continua bonita como sempre.

— E o trago?

Ewell pegou um copo e dividiu-o com ela, que explicou estar à procura de trabalho.

Tomaram mais um trago e Flora tirou a meia, fazendo a pressão de Milt subir. Finalmente, ele também tirou a jaqueta e o cinturão com as armas.

Flora reduziu ao mínimo a luz do lampião e tirou o resto das roupas, convidando Milt a fazer o mesmo.

Milt não se fez de rogado.

* * *

Já havia amanhecido há muito tempo quando Milt acordou na manhã seguinte. Lembrou-se de onde estava e chamou a mulher.

Flora não respondeu e Ewell ergue-se, vendo as roupas amontoadas sobre uma cadeira da qual pendia também o cinturão com os dois revólveres.

Não havia sinal de Flora.

Ewell vestiu-se e, logo depois, seguiu para o quarto de Evalee. Bateu e a jovem abriu, mostrando o rosto pálido e os olhos vermelhos de pranto.

— Milt, minha mãe morreu na semana passada...

— Lamento muito.

— Obrigada, mas terei que voltar a Blackwood para resolver o inventário. Já aluguei uma charrete que me levará até a próxima estação de trem e estou acabando de fazer minha bagagem— virou-se, lembrando-se de algo. — A armadilha deu certo?

— Sim, estava ganhando dez mil, mas perdi para convencer meu adversário a soltar a língua. Já que vai para Blackwood prosseguirei sozinho, com sua permissão.

— Perdeu vinte mil para prosseguir as informações? Acho que não vou entendê-lo nunca... — murmurou ela, enquanto Milt pegava a mala. — Acho que vai precisar de dinheiro...

Milt fora até a janela para pegar a mala e dali reparou no movimento lá fora.

— Ora, ela está indo embora.

— Quem? Evalee se aproximou da janela.

— Flora Horton. Conheço-a há alguns anos. Pensei que fosse ficar em Fort Flubner...

— Está confundindo, Milt. O nome daquela mulher é Florence Stockton e foi nossa governanta. Ela veio me dar a notícia da morte de minha mãe.

— Impossível... ela é apenas uma dançarina de saloon!

— Ela foi nossa governanta durante três anos.

— Incrível! Como ela não me contou nada?

— Falou com ela? — estranhou a jovem.

— Encontrei-a ontem...quando voltava do jogo...estivemos...— parou, enrubescendo e Evalee entendeu.

— Estiveram juntos durante toda a noite — afirmou ela — Nunca pensei algo assim de você! — reprovou. — Portou-se como ... — parou, tentando encontrar o nome certo — Decepcionou-me — terminou.

— Estive durante dois anos numa penitenciária e já a conhecia. O que queria que fizesse? Talvez fosse melhor verificar quem é a mulher que conviveu com você nestes três últimos anos! E descubra por que apareceu em Fort Hubner tão oportunamente.

— Acha que a Sra. Stockton?...

— Não confio nela, mas não prestei informação alguma. É melhor que volte para casa. Entrarei em contato com você. Não se preocupe.

Evalee estendeu trezentos dólares para o rapaz e deixou o quarto.

Minutos depois, subia na charrete, despedindo-se do companheiro de aventura que ficou na calçada até perder o veículo de vista.

Só então, tirou a mão do bolso e pegou o papel onde estavam três nomes que Waladon lhe fornecera. Só tinha o

endereço de um e Ewell decidiu visitá-lo. Era Emmett Gruber, que morava em Paceras, uma pequena cidade a três dias de viagem de Fort Hubner.

CAPÍTULO 8

Ewell desmontou diante da casa modesta, situada a dois quilômetros de Paceras. Bebeu água e saciou também a sede do seu cavalo.

Enrolou um cigarro e começou a fumar quando um cavaleiro se aproximou.

Gruber desmontou instantes depois e encarou-o.

— Gruber?

— Sim.

— Sou Ewell.

— Sabia que viria... mais dia, menos dia — falou o outro sem se mostrar hostil. — Soube-o no dia em que li sobre o seu indulto. Entre, por favor.

Os dois entraram e Gruber buscou uma garrafa e dois copos, enquanto o convidava a sentar.

— Naquele tempo, eu precisava de dinheiro, mas nunca me informaram que teria de— matar os homens que escoltavam o ouro. Imagina como me senti quando vi meus companheiros atirando para matar e derrubando todos os guardas.

Milt apenas sacudiu a cabeça.

— McGillings foi se banhar no rio, mas estava de acordo com o chefe do bando que sabia qual o melhor lugar para o ataque.

— Quanto lhe pagaram, Gruber?

— Dois mil dólares. Recebi o dinheiro e abandonei aquele lugar. Sentia-me doente da cena. Um dos vigilantes estava ferido e pedia misericórdia. O chefe, rindo, apunhalou-o com a faca de um dos mortos.

— O punhal era meu — afirmou Ewell.

— Eu não o conhecia. Ouvi seu nome quando chegaram até aqui as notícias do processo. Mas vi o chefe apunhalar um dos guardas.

— Sabe algum nome dos que participaram do ataque?

— Sim. Um, em especial, era tão cruel quanto o chefe. Hoffy Heysel, mas não sei onde se encontra.

— O que me diz de Koster e Squiman?

— Não sei nada, mas participaram do assalto. Nunca mais soube de nenhum deles.

— Mas deve saber o que se fez com o ouro.

— Não, recebi o combinado e dei o fora.

Não tenho a menor idéia de onde está o ouro.

Ewell encarou Gruber e percebeu que o remorso estava matando aquele homem.

— Qual era o nome do chefe, Gruber?

— Clint Barrow.

— Muito bem, agora, preciso de sua confissão.

O homem sequer tentou resistir. Sentou— se, pegando um papel e caneta. Fez sua narrativa detalhadamente enquanto Milt aconselhava:

— Será melhor que vá embora de Paceras. Não pretendo entregá-lo a qualquer autoridade, mas não encontrei Barrow e este pode tentar eliminá-lo.

Ewell tomou o uísque lentamente e acendeu um cigarro antes de Gruber assinar a confissão e datá-la.

— Veja se está como quer — pediu Gruber.

Ewell leu rapidamente e dobrou o papel para guardá-lo no bolso. Foi quando viu uma silhueta na janela e gritou:

— Cuidado, Gruber!

Os vidros da janela se partiram enquanto se ouvia a detonação. Gruber abriu os olhos, com horror e Milt sentiu o chumbo lhe morder o braço. Jogou-se no chão um segundo antes do outro tiro. Desta vez, Gruber deu um salto e caiu de bruços sobre a mesa.

Ewell, com a mão no braço ferido, ouviu um cavalo sair a galope. Arrastou-se para a porta, mas não reconheceu o cavaleiro que já se afastava.

Amarrou o lenço do pescoço no braço e olhou o corpo imóvel de Gruber. Suas costas mostravam os buracos causados pela carga dupla de chumbo.

Soube que desta vez, a sorte estava contra o assassino.

* * *

O médico avisou a Milt que ia doer e este apertou as mandíbulas, enquanto estava estendido na mesa de exame, nu da cintura para cima.

O médico retirou o chumbo com as pinças e ergueu-os.

— Pronto — avisou, sorrindo, terminando o curativo.

— Doutor? — chamou da porta um homem com a estrela no colete.

— Olá, Juan. Sr. Ewell, este é nosso comissário, Juan Vélez.

— Trouxemos o corpo de Gruber, Sr. Gostaria muito que me contasse o que houve.

Rapidamente, Milt narrou os fatos e Vélez acariciou o queixo.

— Não pôde ver o assassino então.

— O sol estava de frente para ele. Só lhe vi a silhueta. E, na janela, foi tudo tão rápido que não saberia descrevê-

lo. Quanto à confissão de Gruber, está num dos bolsos de minha jaqueta. Gostaria de conservá-la, comissário.

— Só quero me inteirar do seu conteúdo.

O médico acabou o curativo e avisou:

— Sr. Ewell, vá para o hotel e fique ali por alguns dias, descansando.

— Tenho pressa...

— Sua saúde é mais importante, perdeu muito sangue e precisa se recuperar. Além do mais, o assassino já leva algumas horas de vantagem.

— Mandei um dos meus ajudantes seguir-lhe o rastro — Vélez agitou o papel. — Uma confissão interessante.

— Que me inocenta. Posso lhe pedir um favor? Gostaria que fizesse uma declaração, autenticando a assinatura de Gruber. Deve haver algum documento assinado por ele na cidade.

— Sem dúvida.

Ewell acabou de se vestir e, quinze minutos depois, já estava deitado na cama do hotel. Vélez o acompanhara até ali e fizera a recomendação quanto a uma comida nutritiva e bom descanso.

Antes de ficar sozinho, Ewell mandou um telegrama e, depois de jantar, fez exatamente o que o médico mandara: descansou durante três dias.

Vestiu-se e desceu, recebendo a resposta do seu telegrama.

Impaciente, leu a mensagem:

"Lamento ferimento e desejo pronta recuperação. Não tenha pressa. Tudo vai bem. Lembrei de Barrow. Parabéns por conseguir a confissão escrita.

Evalee Roxmire".

Satisfeito, Ewell dobrou o telegrama e o guardou no bolso.

Depois de tanto tempo, as coisas começavam a tomar uma feição mais agradável.

CAPÍTULO 9

O cavaleiro desmontou diante da cerca de madeira pintada de branco. Viu a casa grande e elegante com um jardim bem cuidado a toda volta.

Milt pensou que Evalee não estava tão arruinada como dizia.

A porta se abriu mesmo antes que batesse. Ewell tirou o chapéu e Evalee lhe estendeu as mãos.

— Fico contente por vê-lo recuperado.

Milt sorriu, apreciando a beleza dela, apesar da severidade do vestido cinza escuro. Os cabelos louros sobressaíam bem-penteados.

— Você também está muito bonita.

— Entre. Vou preparar um café e conversaremos.

A casa era elegante e bem mobiliada. No salão, Milt viu um piano aberto.

Evalee apareceu com uma bandeja nas mãos.

— Agora estou sozinha. De manhã, uma mulher vem para me ajudar — explicou ela, — Como não tenho saído, distraio-me com o piano. Açúcar?

— Obrigado, prefiro puro. Como se sente agora?

— Conformada. Minha mãe perdeu a saúde quando ficou viúva. Foi o coração — Evalee sentou-se diante do rapaz e esperou.

— Agora, conheço mais dois nomes. Gruber fez uma confissão e o comissário de Paceras e o diretor do banco

autenticaram-lhe a assinatura. A confissão é válida em qualquer tribunal.

— Apesar de tudo, o ouro ainda não apareceu. Quanto a Barrow, é o irmão da mulher de Webster, 10 anos mais jovem que ela. A Sra. Webster não gostava do irmão. Mawrer, o gerente de que lhe falei, contou-me que Barrow encontrou o cunhado várias vezes. Pelo visto, tinha uma vida agitada e sempre precisava de dinheiro.

— Então, teremos que suspeitar de Webster também.

— Infelizmente, acho que sim — concordou ela.

— Agora, vamos verificar tudo. Pelo visto, Webster continua com a companhia.

— Muito mais próspera agora. Deveria ter se arruinado com meu pai, mas todos dizem que superou a perda e lutou para manter a empresa.

— Sua mãe devia ter herdado a parte que correspondia ao marido.

— Teve que renunciar os seus direitos, pois papai tinha morrido e era preciso cobrir as perdas. Webster se ofereceu para isso, ficando então com toda a empresa.

— Uma bela jogada, mas acho que Webster esteve muito doente... não foi o que me disse?

— Sim.

— E isso não encaixa num homem que sabe enfrentar a adversidade. Barrow e Webster são cunhados então? Já, o viu aqui? Seria capaz de reconhecê-lo?

— Não o vi.

— Agora, outro tema. A Sra. Stockton.

— Precisa mencioná-la? — Evalee enrubesceu.

— Sim. Ela trabalhou com vocês, como governanta, durante três anos. Já tinha um ano aqui quando houve o roubo. Quem a contratou?

— Papai, mas ela foi recomendada por Webster. Muitas vezes, mamãe sentia ciúmes — murmurou.

— E, provavelmente, tinha razão. Flora é bonita e sabe usar seus atributos físicos.

— Imagino que o diga com conhecimento de causa!

— Não sou casado e não tenho uma filha! Quando voltei a encontrar Flora, para mim ela continuava sendo apenas uma bailarina de saloon... além de outras coisas.

— Entendo e tem razão, se pensarmos que também encontrou Barrow várias vezes, segundo Mawrer me informou.

— Não há mais dúvida. Webster estava de acordo com o plano e conhecia a data do envio. Assim, escolheu alguém de sua total confiança...

— Barrow — afirmou Evalee.

— O plano começou um ano antes, quando Flora se empregou aqui. Meio milhão de dólares em ouro exigia uma boa preparação. Flora cuidou de distrair a atenção de seu pai e, com seus antecedentes, conhecia muitos bandidos que participariam do assalto. Para evitar qualquer desconfiança, fui escolhido para chefe dos vigilantes e Webster destacou os outros guardas que não reagiriam eficientemente numa situação crítica. Além do mais precisavam de um cúmplice no grupo.

— McGillings.

— Assim, o ouro foi colocado em outra carroça.

— Mas Carter viu dois homens apenas. Barrow e o tal doente. E os outros assaltantes?

— Barrow deve tê-los pago ali mesmo, como aconteceu com Gruber. Só ficou com um dos cúmplices.

— Dez homens a dois mil dólares, vinte mil. Uma soma bem grande, principalmente se pensarmos que Barrow vivia sempre sem dinheiro.

— Webster tinha o dinheiro suficiente.

— Deve ter sido assim... mas continuamos sem saber o paradeiro do ouro e não provamos a culpa de Webster. Gruber não o menciona em sua confissão.

— Mas cita Barrow, Evalee. É melhor visitarmos o médico. Um homem que planeja um assalto como Webster fez, não pode ficar doente e permanecer cinco semanas na cama. Talvez tenha sido apenas um ardil.

— Tem razão. Vou me arrumar e estarei pronta a acompanhá-lo.

* * *

Evalee e Ewell saíram à rua. Os homens tiravam o chapéu para cumprimentá-la e estranhavam o acompanhante dela. Já não era comum em Blackwood um homem com um cinturão e dois revólveres.

Alcançaram a casa do Dr. Masterson que se mostrou disposto a cooperar.

— Lembro-me muito bem. Webster quase morreu. Houve momentos em que não dei um níquel por sua vida.

— Então, foi uma doença verdadeira! — surpreendeu-se Milt.

— Se ele quisesse me enganar, não o conseguiria. Podem crer que não houve truque. Webster esteve mesmo muito doente.

— Não entendo... Se estava de acordo com... — Parou, olhando para Evalee que explicou:

— Pode falar sem medo. O Dr. Masterson é de toda confiança.

— Acho que entendo, mas não direi o que falarem aqui.

— Acho que já descobri uma explicação — disse a moça. Aconteceu a Webster o mesmo que a Gruber.

— É isso! Weber estava de acordo com o roubo, mas nunca imaginou que iriam matar todos os guardas. Foi isso que o pôs doente. Gruber confessou que ficava doente cada vez que lembrava do que houve em Poplar's Bend.

— Nunca pensei que Webster fosse capaz..., mas ele logo se recuperou.

— Claro, tinha o ouro, eu estava condenado e ninguém suspeitava dele. Meio milhão adormece consciências, doutor.

— Claro. Ouçam, jovens, guardarei silêncio, mas quero que me prometam que vão falar com o xerife. Bob Clayton não gosta que façam coisas às suas costas, principalmente quando se trata de assunto da Lei.

— Iremos vê-lo agora mesmo.

— Eu também quero ver o autor da matança de Poplar's Bend castigado — concordou Ewell.

Quando deixaram a casa do médico, Evalee falou:

— O xerife vai se interessar pela confissão de Gruber. Poderá oferecer um prêmio pela cabeça de Barrow.

— Deve ser um homem escorregadio, mas tenho um plano que espero dê resultado. Vamos atacar Webster. Sabemos que planejou o golpe, junto com Barrow, mas, ao saber da matança, ficou doente. Agora, quando souber que descobrimos a verdade, fraquejará e cairá. Saberemos então onde está o ouro.

— Tem razão; mas é o xerife quem deve interrogar Webster.

O escritório do xerife ficava bem perto Evalee mostrou-o a Milt. Foi quando a jovem parou, olhando o homem que vinha na direção oposta.

— Não pode ser! Pensei que tivesse ido embora da cidade. É Greg Koster, meu ex-noivo.

— Koster? Ele participou do assalto, Evalee!

— Oh, não!

O homem viu Evalee e parou. Depois, percebeu a presença de Ewell e ficou pálido.

CAPÍTULO 10

— Koster, é melhor que venha conosco até o escritório do xerife! Você participou do assalto de Poplar's Bend! — acusou Ewell.

Koster recou e Milt, adivinhando suas intenções, gritou para a jovem:

— Para o chão, Evalee!

Clayton, ao ouvir o grito, se virou. Koster sacou enquanto a moça se jogava no chão. O bandido fez o primeiro disparo.

Todos se dispersavam e Ewell, ajoelhado, sacou um dos seus revólveres enquanto Koster atirava novamente.

Clayton saltou para o centro da rua, mandando:

— Largue a arma!

Koster se virou e fez fogo novamente. Clayton apertou o gatilho e só precisou de um disparo.

Alcançou Koster no peito. O bandido soltou a arma e começou a cair lentamente.

Ewell ergue-se e estendeu a mão para ajudar Evalee a fazer o mesmo. Ela ainda pôde ver o cadáver do homem com quem quase se casara.

Clayton se aproximou do morto. Levantou— se pouco depois, encarando o casal.

— Acho que me devem uma explicação.

— No seu escritório, xerife — concordou Ewell.

— Quem é você? — quis saber o representante da lei.

— Ewell. Milt Ewell.

— Por que este homem estava atirando contra vocês?

— Era um dos que tomaram parte do roubo de meio milhão de dólares em ouro.

— Deve ter provas do que afirma — exigiu Clayton.

— Não só temos provas como conhecemos os nomes dos verdadeiros culpados — concordou Evalee entrando na conversa.

— Isso é bem interessante, senhorita. Venham até meu escritório, por favor.

Clayton abriu passagem por entre os curiosos e mandou que um dos seus auxiliares cuidasse do cadáver de Koster.

No escritório, Ewell mostrou a confissão de Gruber, enquanto Evalee dizia:

— Um dos culpados é o antigo sócio de meu pai, Webster. Clint Barrow, irmão de sua mulher, foi quem dirigiu o assalto e levou o ouro. Greg Koster, meu ex-noivo, também participou do roubo e dos assassinatos e até a Sra. Stockton, nossa governanta, teve algo a ver com tudo isso, apesar de não conhecer exatamente o seu papel.

— Senhorita, não é possível que Webster seja cúmplice num crime tão horrendo. Ele mesmo foi prejudicado...

— Mas não arruinado como nós.

— Realmente, ele se refez bem depressa... — murmurou o representante da lei. — Julguei-o um homem de vontade de ferro... apesar da doença que o acometeu.

— A doença foi resultado das notícias da matança. Devo admitir que ele só queria que o ouro fosse roubado e não esperava que os vigilantes morressem. Mas é tão culpado quando os outros — afirmou Evalee.

— Tem razão, mas isso não passa de suposição. Não temos provas que comprometam Webster. Só de Barrow e Koster.

— Pois tenho a sensação de que foi Koster o ferido que seguiu com Barrow na carroça para Rubensville. Se o comissário Carter estivesse aqui, poderia identificá-lo.

Clayton leu a confissão e dobrou o papel.

— Espero que não se importem de me deixar com isto.

— Minha idéia era exatamente esta — confirmou Milt.

— A culpa de Webster é algo difícil de provar. Só pegamos Barrow e se ele ou o último sobrevivente, o tal McGillings, confessar que foi Webster o cabeça de tudo... poderemos fazer então alguma coisa contra ele.

— Tem razão, xerife, mas poderia interrogá-lo.

— Por que não? Vamos até a casa dele — decidiu Clayton, colocando o chapéu na cabeça.

Naquele instante, um dos ajudantes entrou com alguns objetos na mão.

— São de Koster — explicou. E encontramos algo bem interessante, chefe.

O homem separou um pedaço de papel e o entregou a Clayton que o examinou atentamente.

— "O transporte se fará a 22. Não falte!" — leu o xerife.

— Vinte e dois é amanhã e, se quer um conselho, xerife, vigie todas as entradas da cidade. Aposto que Barrow pretende vir para se reunir com Moster e levar o ouro. Andou nos seguindo e tentou nos matar várias vezes Agora, percebendo que fracassou, vai querer fugir levando o ouro. E não pode permitir que ele escape.

— Não se preocupe. Se Barrow aparecer em Blackwood será preso. Agora, vamos visitar Webster.

Antes de sair, o xerife deu instruções precisas sobre quem recrutar para a vigilância. O ajudante saiu para cumprir as ordens e Clayton sorriu.

— Barrow irá amanhã e entrará na cidade. Só não vai sair dela.

* * *

O trio chegou à residência de Webster ao anoitecer e foi anunciado pela empregada.

Webster apareceu em poucos minutos.

— Desculpem, eu ia jantar... em que posso servi-los? — parou, empalidecendo ao ver Ewell.

Webster era um cinquentão magro e quase completamente calvo. Usava óculos de armação de ouro e se vestia com elegância.

— Eles têm algo a lhe dizer, Sr. Webster — replicou Clayton a quem passara desapercebido a palidez do dono da casa.

— Trata-se do roubo do ouro — explicou Evalee.

— Foi um assunto muito desagradável, apesar de, felizmente, superado — replicou Webster recompondo-se.

— O ouro não foi encontrado — teimou Ewell.

— Pagamos os compromissos e o resto já não conta, jovem.

— Você continuou com a empresa enquanto nós ficamos arruinados! — acusou Evalee.

— Seu pai não teve coragem suficiente para reagir. E eu mesmo fiquei doente...

— Porque só pretendia roubar o ouro e não esperava que os vigilantes fossem liquidados. Foi isso que o fez ficar enfermo — tornou Evalee, corajosamente.

— Não tem sentido o que diz, Evalee, mas fere minha dignidade. Entendo que se sinta tocada com o que aconteceu, mas não tem o direito de me insultar — protestou Webster.

— Você, de acordo com Barrow, roubou o ouro — agora era Milt a falar. — Seu sócio ficou arruinado pois

empenhou toda a fortuna para saldar a dívida enquanto você prosperou de forma impressionante. Um homem que perde um quarto de milhão de dólares não se refaz tão rapidamente em 2 anos. Evalee perdoaria muitas coisas se confessasse a verdade, senhor.

— É melhor que saiam daqui e você, xerife, não devia tolerar que me insultem aqui.

— Sabe onde está Clint Barrow? — indagou o xerife.

— Não conheço este homem! — gritou Webster.

— É irmão de sua esposa e o viram, mais de uma vez, conversando com você — afirmou Evalee.

Webster não encontrou palavras para desmentir o que dissera a jovem.

— Muito bem, Sr. Webster — anunciou o xerife. — Tem vinte e quatro horas para refletir e ir confessar. Se não...

— Esperem... claro que conheço Barrow, só neguei por instinto, mas não sei onde se encontra e não tenho nada a ver com suas trapaças.

— Tenho a confissão de um dos que participaram do roubo — avisou o xerife. — Está testemunhada por duas pessoas irreprováveis. Vamos ver o que Barrow diz quando chegar a Blackwood. Boa-noite!

Ewell dirigiu-se à porta. Não tinha mais dúvida quanto à culpa de Webster.

Evalee, antes de imitá-lo, encarou fixamente o ex-sócio do pai.

— Você traiu seu sócio. A metade do ouro me pertence, mas não me importa tanto quanto o seu castigo.

Na rua, Ewell virou-se para Clayton, sugerindo:

— É melhor que vigie a casa de Webster.

— Já pensava em fazê-lo e confesso que me negava a acreditar que ele tivesse alguma culpa. No entanto, depois do que vi, não tenho dúvidas. Só teremos que prová-lo.

— Faremos isso quando Barrow chegar.

— Naturalmente, Ewell. Onde vai se hospedar?

— Em minha casa — explicou Evalee.

CAPÍTULO 11

— O importante é achar o ouro — falou Milt, depois do jantar que Evalee preparara. — E tem que estar em Blackwood, só não sei onde.

— Todo o ouro? — interessou-se a moça.

— Não sei, talvez uma boa parte. Webster não precisou de todos os lingotes para se recuperar economicamente. Deve ter fundido uma boa parte e guardado o resto em algum lugar.

Evalee mexeu o açúcar no café, enquanto pensava.

— Só há algo que me atormenta. Como Koster pôde se meter em tal crime?

— Não sei, mas foi um dos principais atores na comédia já que acompanhou Barrow na carroça que levava o ouro.

— Lamento muito... estive a ponto de me casar com ele... pensei que o amava.

— E o ama?

— Não. Mas ainda assim... rompemos o noivado poucos dias antes do envio do ouro.

— Isso explica tudo. Tanto Koster quanto Flora eram apenas peões neste jogo de Webster e Barrow. Flora distraía seu pai e Koster cuidava de você.

— Entendo... sempre fui muito crítica com relação a Webster. Nunca gostei dele e recomendei a papai que tivesse cuidado. Agora está tudo claro. Koster até me

convenceu de que Webster era um homem de reputação inatacável!

Ficaram alguns minutos em silêncio. Evalee suspirou:

— Agora, só falta encontrar o ouro...

Ewell ergueu-se e a moça quis saber para onde ia.

— Para o hotel...

— Mas eu disse a Clayton que ficaria aqui.

— Sabe que haverá comentários.

— Essa é boa! Todos sabem o que fiz durante as últimas semanas! Não dirão muito mais do que já disseram. Por outro lado, confio em você, apesar de Flora Horton. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto.

— Evalee, acha que deve mesmo...

— Sabe por que o faço?

— Sem dúvida, me estima e se sente mais segura comigo por perto.

— Essa é uma das razões. A outra... é que em Blackwood há um saloon com muitas garotas.

Milt riu.

— Qualquer um diria que você quer me manter com rédea curta.

— Talvez estivesse dizendo a verdade, Milt. Vamos...

Pouco depois, Ewell começava a tirar a roupa no quarto de hóspede que lhe fora designado. Sentia-se cansado.

Quando deitou, nem mesmo acendeu um cigarro. Fechou os olhos e adormeceu rapidamente.

* * *

Havia fogo... o fogo feito para o café se alastrava pelo bosque que começou a arder...

Milt tossiu e abriu os olhos, vendo que a fumaça invadia seu quarto. Percebeu que a casa estava pegando fogo.

Vestiu-se a toda pressa e correu para o quarto de Evalee, ouvindo o crepitar das chamas no primeiro andar.

— Depressa! A casa está ardendo! Não temos tempo a perder! — gritou Ewell, sacudindo-a.

Aturdida, a jovem abriu os olhos enquanto Milt procurava suas roupas.

— Não sei como aconteceu. Não deixe nada aceso no andar de baixo...

— E acha que foi um incêndio fortuito?

Enquanto falavam, Evalee se vestia. A fumaça encheu o cômodo e os dois tossiram.

Ao longe, ouviram os primeiros gritos de alarme e Ewell olhou pela janela. Não faltava muito para o amanhecer.

Sem dúvida, o incendiário calculara bem. O sono mais profundo era o da madrugada. A casa era de madeira e arderia rapidamente.

— Estou pronta.

Ewell agarrou a mão de Evalee e alcançaram o corredor, mas as chamas já tomavam a escada e esta cedia com ruído.

Voltaram ao quarto e Ewell abriu a janela, olhando para baixo. A distância era de uns cinco metros.

O rapaz pegou os lençóis e emendou-os, colocando-o nas mãos da moça e ordenando:

— Agarre-se com força.

Ela entendeu qual a intenção e se deixou levar até o parapeito.

Rapidamente, Milt desceu-a até perto do solo. Dali, a jovem largou a corda quando as chamas pareceram se avivar.

Milt inclinou-se a tempo de ver Clayton aparecer e lhe gritar:

— Ânimo, rapaz!

Milt saltou, flexionando os joelhos, mas não evitou a queda completamente.

O xerife precipitou-se para ele e afastou-o da casa que agora era uma enorme fogueira.

Os vizinhos já haviam desistido de apagar o fogo e apreciavam o espetáculo.

O prédio caiu com barulho e Evalee chorou.

Ewell abraçou-a, murmurando:

— Você está viva e é isso que importa.

— Poderá reconstruir sua casa consolou Clayton. — Imagino que não tenham visto nada suspeito.

— Nada. Acordei com a fumaça e, quando reagimos, o andar de baixo estava todo em chamas.

— Imagino que o incêndio foi criminoso e começou em vários lugares ao mesmo tempo — concordou o representante da lei.

— Alguém usou bastante combustível e a hora era apropriada. Todos dormiam. Suas sentinelas viram algo, xerife?

— Não, mas estão vigiando todas as entradas. Mas há muitos lugares por onde se pode passar sem ser visto. De qualquer maneira, há um homem que está vigiando a casa de Webster. Se Barrow voltar, terá que ir até ali.

— Sem contar com Hoffy Heysel, do qual não sabemos senão o nome.

— Quando um forasteiro aparecer, eu saberei.

— A menos que já esteja aqui — murmurou Ewell.

— Vou investigar — prometeu Clayton.

Uma mulher de meia idade se aproximou de Evalee e convidou-a para ir até sua casa. Era a esposa do xerife.

— Vá com ela — aconselhou Ewell.

Evalee se afastou enquanto Milt pensava que aquele incêndio era o último ato desesperado de homens que queriam escapar a qualquer preço.

Mas o ouro seria a perdição dos bandidos, pensou Ewell.

CAPÍTULO 12

Ewell tomou café num restaurante e foi visitar Evalee. Encontrou-a mais animada e colocou suas dúvidas:

— Ainda temos um problema.

— Qual?

— Possivelmente, você está arruinada agora.

— Mamãe me deixou algum dinheiro e poderei usá-lo para construir uma casa. Não vou ter grandes dificuldades e mandarei fazer uma casa menor.

— Lembre-se que há o ouro e parte lhe pertence.

— Se eu o recuperar.

— Vai fazê-lo — confirmou ele. Webster não pode fundir tudo. Além do mais, acho que está em lugar bastante acessível.

— Como? Acho que está é muito bem escondido.

— E a melhor maneira de se esconder alguma coisa é num lugar que, mesmo à vista de todos, ninguém suspeita que se encontre ali.

— Talvez tenha razão... — murmurou ela. — Não poderiam colocar no cofre do banco, apesar de Webster ser uma das principais acionistas. Em sua casa...

— Seria perigoso demais. Tem que estar em outro lugar. Um lugar de fácil acesso, talvez para tirar, de vez em quando, algum lingote. E nada suspeito para todos.

— Já sei! — sorriu ela. No pátio de carga há uma carroça colocada numa espécie de pedestal. Está

completamente pintada, como nova. Webster disse que queria conservar para sempre a primeira carroça que usou em seu negócio.

— Pode ser. Em San Francisco uma das primeiras diligências de Wells & Fargo está conservada...

— Mas Webster não começou assim. Nunca teve uma carroça até se associar a papai. Foi ele quem começou com uma carroça, entende? Webster chegou a Blackwood há alguns anos e fez sociedade com papai que não andava bem na época.

— Evalee, talvez você tenha razão. Espera-me aqui. Falarei com o xerife e, se a carroça continua ali...

— Iremos revistá-la.

— Não. Webster está na cidade e se sabe vigiado. Espera Barrow, para levar o resto do ouro e desaparecer antes que seja muito tarde. Deixará para trás um próspero negócio, mas salvará sua vida.

— Tem razão...

— E o ouro o prende tanto quanto se fossem grilhões.

* * *

A carroça estava sobre o pedestal feito de ladrilhos.

Um dos lados do pedestal era inclinado para permitir a subida e descida do veículo.

O pátio de carga estava deserto e os estábulos dos animais de tração ficavam num prédio independente, apesar de dar acesso direto ao pátio. O grande portão se encontrava fechado.

Havia mais carroças á um lado do pátio.

Ewell estava dentro de uma delas e Clayton em outra. Dois ajudantes mais se achavam em diferentes postos, protegidos atrás de um grupo de mercadorias.

As horas se passavam lentamente.

Clayton retirara a vigilância da casa de Webster como isca e, por seus ajudantes, soubera que o ladrão passara todo o dia dando voltas como um leão enjaulado. Sem dúvida, esperava alguém.

Ouviram então um leve ruído e o portão se abriu. Várias silhuetas apareceram.

— Hoffy, vá até os estábulos e traga quatro cavalos — ordenou alguém.

— Está certo, Clint.

Um homem atravessou o pátio, abriu a porta dos estábulos e desapareceu ali. Deu dois passos e sentiu o frio cano de um revólver em sua nuca.

— Nem um grito e será um homem morto — avisou o ajudante do xerife.

Hoffy ergueu os braços e foi desarmado.

— Agora, grite: "os cavalos estarão prontos dentro de um minuto". Ande! Depressa!

Hoffy cumpriu a ordem, aterrado, sem saber que era a senha.

Barrow xingou baixinho:

— Será que ele quer que a cidade toda saiba que estamos aqui?

Clayton deixou a carroça onde se escondera:

— Levantem as mãos! — ordenou. — Estão rodeados!

Barrow soltou uma imprecação e Webster, ao seu lado, estremeceu, implorando:

— Não atirem, por favor!

Barrow soube-se a caminho da forca e saltou para trás sacando.

Surpreso, Clayton disparou, mas errou o primeiro disparo.

Barrow alcançou-lhe o ombro e o jogou no chão, quase sem sentido.

Os ajudantes começaram a atirar e Barrow agarrou Flora, usando-a como escudo e ignorando-lhe os gritos.

Ewell apareceu, avançando para o bandido.

— Entregue-se, Barrow.

— Nem em sonho! Não quero acabar num patíbulo! Perderei o ouro, mas salvarei a vida. Flora é minha cúmplice e você não vai se atrever a disparar contra uma mulher!

— Barrow, tenho uma confissão assinada por Gruber. E ele o viu matar um dos vigilantes com a minha faca. Não vai escapar! Você é o responsável por uma repugnante matança. Entregue-se!

— Não! Foi um plano perfeito até que aquele idiota pediu seu indulto! Não sei por que não o matei, quando atirei em seu ombro!

— Você precisava de um culpado para desviar as suspeitas. E esse foi o seu erro.

Barrow tentou arrastar Flora até o portão, berrando:

— Hoffy, traga logo os cavalos!

— Ele já foi apanhado por um dos ajudantes do xerife — explicou Milt.

Naquele instante, Webster começou a correr e Barrow, com raiva, disparou contra o cunhado.

Webster recebeu a bala no peito, deu mais alguns passos e caiu, ficando imóvel.

Flora, apavorada, empurrou Barrow e correu para sua esquerda, enquanto o bandido gritava.

Ewell disparou uma vez. Barrow acionou o gatilho e lhe arrancou a arma da mão. O jovem se deixou cair de costas, fugindo ao tiro seguinte.

Os dois auxiliares do xerife estavam um pouco longe e seus tiros se perderam enquanto Barrow alcançava a saída.

Alguém então fez fogo à sua direita.

Clayton, sentado no solo, fez mira e acionou o gatilho. Seu primeiro disparo derrubou Barrow que rolou sobre si mesmo, gritando.

Um novo tiro e Barrow se calou para sempre.

Milt ergueu-se e viu Flora soluçando contra o muro.

Hoffy deixou os obstáculos com as mãos para cima, seguido por um comissário.

O xerife se retirou, em direção à casa do médico, pedindo que Milt cuidasse de tudo.

Era dia quando Ewell ergue o fundo da carroça. Os lingotes apareceram e ele sorriu.

— Tanta gente morreu por causa deste ouro — falou Evalee.

Clayton, com o braço na tipoia, observava a operação, acompanhado por dois ajudantes.

Naquele mesmo dia, à tarde, Evalee parou diante de uma casa de aparência modesta, mas em boas condições, avisando:

— Aluguei-a até poder mandar construir uma. E vou precisar dela para amanhã à noite.

— Não entendo... — murmurou Ewell.

— Não precisa quebrar a cabeça, Milt — sorriu ela.

Antes que pudesse reagir, Ewell se encontrou, na manhã seguinte, diante de um pastor que lhe perguntou se queria Evalee como legítima esposa.

— Claro que ele quer — replicou a moça enquanto Clayton sorria, atrás dos noivos, junto da esposa.

— Ande, responda! — Evalee deu uma cotovelada no noivo.

— Passou a noite na casa de Evalee — reforçou a Sra. Clayton. — Deve manter seu bom nome, Milt.

— Ande, querido, não negue a evidência dos fatos. Confesso que eu também perdi a cabeça... — riu a jovem.

— Afinal, vão ou não vão casar? — interrompeu o pastor, impaciente.

— Sim, eu quero me casar com ela! — garantiu Ewell.

— E eu também quero casar com ele — exclamou Evalee.

Assinaram os documentos e saíram. Evalee, levando o homem atrás de si, com bastante pressa.

Em casa, Evalee deixou de lado o buquê e pendurou-se no pescoço do marido.

— Agora, mostre que é... um homem. Faça— me conhecer o que fez Flora Horton tão feliz.

— Como sabe? — assombrou-se ele.

— Ela disse que tinha estado com um amigo e que passara momentos muito agradáveis. Mas não se preocupe. Não vou contar a ninguém! — ela piscou o olho.

— Nem eu lhe permitiria! — escandalizou-se Ewell.

Ele parou, encarando-a fixamente.

— Evalee, isso é para toda a vida.

— Por isso mesmo, quero começar logo — suspirou ela.

AÇÃO-AVENTURA-EMOÇÃO

TUDO O QUE VOCÊ

GOSTARIA DE VIVER!!

TODA SEMANA TEM
NOVOS TÍTULOS
NOVOS BOLSILIVROS
NAS BANCAS !!

cedlbra